As mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul: Capital x Interior[1]

Bruna Atti PROVENZANO[2]
Prof. Dr. Marcos Emilio SANTUARIO[3]
Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

RESUMO

O estudo tem como tema a participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no estado do Rio Grande do Sul e a comparação entre a atuação nas emissoras da capital Porto Alegre e das cidades do interior. O objetivo é resgatar a história das profissionais que atuaram neste segmento e analisar as principais diferenças da atuação destas mulheres a partir das oportunidades de trabalho entre a capital e o interior. Para a realização deste estudo, foram feitas entrevistas com as mulheres pioneiras e também com mulheres que trabalham atualmente no radiojornalismo esportivo. Também se buscou referenciais teóricos sobre a história do veículo em autores como Luis Arthur Ferraretto e Gisela Swetlana Ortriwano, do jornalismo esportivo com André Ribeiro e Paulo Vinícius Coelho além das questões relativas aos gêneros com Marlene Neves Strey e Gilles Lipovetsky, entre outros

PALAVRAS-CHAVE: radiojornalismo; esporte; mulheres; gênero

TEXTO DO TRABALHO

O radiojornalismo esportivo foi um dos primeiros gêneros da radiodifusão a ser constituído e até hoje é tema permanente de muitos programas durante a semana e principalmente nos finais de semana, quando acontece a maior parte dos jogos de futebol. Soares (1994, P.17) destaca que "O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa".

Sobre a importância deste gênero, historicamente visto com indiferença mesmo nas redações, Ferraretto (2001, p. 315) lembra que "o primeiro setor organizado para a cobertura esportiva é anterior ao surgimento das redações estruturadas de noticiários". Em 1947 a Rádio

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Jornalista graduada pela Universidade Feevale, RS, email: brunaprovenzano@gmail.com

[3] Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Feevale, RS, email: santuario@feevale.br

Panamericana contava com um Departamento de Esportes composto por locutores, comentaristas e repórteres.

A primeira narração detalhada de um jogo de futebol aconteceu no dia 19 de julho de 1931. O locutor Nicolau Tuma[4] da Rádio Sociedade Educadora Paulista narrou a partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, válida pelo VIII Campeonato Brasileiro de Futebol. Não havia repórteres nem comentaristas, apenas o narrador descrevia as jogadas. Nesta época, tanto o rádio quanto o futebol viviam fases semelhantes. Ambos tentavam a profissionalização depois de um período voltado à elite.

No início das transmissões, os locutores esportivos enfrentaram uma série de dificuldades por causa da falta de recursos tecnológicos. A persistência em realizar as narrações fez com que os profissionais buscassem a melhoria dos equipamentos utilizados, o que ajudou a influenciar o desenvolvimento do radiojornalismo brasileiro.

Radiojornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul

As primeiras emissoras de rádio do Rio Grande do Sul já realizavam transmissões esportivas, principalmente resultados de futebol e de turfe. Entretanto, o marco inicial desta trajetória aconteceu no dia 19 de novembro de 1931, na primeira transmissão radiofônica de uma partida de futebol. De acordo com Dalpiaz (2002) a cidade de Porto Alegre estava mobilizada para acompanhar o jogo entre Grêmio Football Porto-Alegrense e a Seleção do Paraná. O duelo aconteceu no Estádio da Baixada e a narração foi feita por Ernani Ruschel na Rádio Sociedade Gaúcha.

A partir dos avanços tecnológicos, principalmente na década de 1960, diversas mudanças aconteceram na maneira de se fazer jornalismo esportivo no estado. A popularização dos rádios portáteis foi determinante para que os narradores preocupassem-se mais com a veracidade e exatidão dos fatos narrados. Os ouvintes, que antes estavam longe do palco do jogo, agora podiam acompanhar a transmissão direto das arquibancadas dos estádios de futebol. A década de 1960 também ficou marcada pela troca de profissionais do radiojornalismo esportivo entre as emissoras.

A programação do radiojornalimo esportivo gaúcho na atualidade é constituída basicamente pela cobertura diária dos clubes de futebol e transmissão de eventos. O repórter

[4] Jornalista e político, nasceu em 1911 e morreu em 2006. Começou a carreira como repórter policial.

esportivo é um dos principais profissionais neste processo. Além dele, ainda compõem o departamento, segundo afirma Ferraretto (2001), o coordenador, o narrador, o comentarista, o plantão esportivo, o apresentador e o produtor.

Relações de Gênero

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, as mulheres passaram a ocupar – de maneira mais substancial – espaços na sociedade que até então eram exclusivamente preenchidos por homens. Matos (2002, p. 241) afirma que "Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que a construção do feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados." Relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas são alguns dos aspectos que produzem as referências culturais.

É importante registrar que são as sociedades e civilizações que conferem significado à diferença e, portanto, não se pode falar em verdade na diferença entre os sexos, e sim em um esforço para dar-lhe sentido e cultivá-la. As relações de gênero formam em cada cultura um sistema simbólico ou de significações relacionando o sexo às questões culturais. Essas significações podem mudar de acordo com cada indivíduo e sociedade. Colling (2004) afirma que as relações entre homens e mulheres estão diretamente ligadas ao princípio de hierarquia. Ainda de acordo com a autora, existem dois tipos básicos de poder: o repressor e o normativo.

Para Marodin (2001) não se pode falar em gênero sem se falar em "consentimento". A autora escreve ainda que as mulheres atribuem-se pouca importância e valor ao assumirem o discurso masculino, que está tão profundamente na vida das mulheres e dos homens que muitas vezes não é percebido. Nos papéis atribuídos a homens e mulheres destaca-se a dicotomia entre o público e o privado como origem das desigualdades entre os gêneros. O feminino tem como característica emoção, amor, intuição e por isso é a ele reservado o espaço privado. Em contra partida, o masculino é cultura, política, razão, justiça e, portanto, destina-se o público.

Esta diferenciação cria barreiras e, conforme Whitaker (1993) a "Homens e mulheres estão, muitas vezes, trabalhando bem próximos no espaço físico, mas há quilômetros de distância entre os significados simbólicos das tarefas que realizam." (WHITAKER, 1993, p.

87). Tanto o masculino quanto o feminino, necessitam um ao outro. Entretanto, esta necessidade nunca teve relação de igualdade entre os sexos. Beauvoir (2000) diz que o homem, por ser um indivíduo autônomo e completo, é encarado como produtor e a sua existência é justificada pelo trabalho que fornece à coletividade.

> As relações profissionais do marido muitas vezes não coincidem com a afirmação de seu valor social; ao passo que a mulher, não solicitada por algum trabalho, pode confinar-se na convivência com seus pares; demais, tem ela os lazeres de assegurar em suas 'visitas' e suas 'recepções'essas relações praticamente inúteis e que, bem entendido, só têm importância nas categorias aplicadas em manter sua posição na hierarquia social. (BEAUVOIR, 2000, p. 295)

Em busca desta valorização e da mudança da desigualdade cultural construída historicamente, as mulheres buscam por meio dos conceitos e relações de gênero o reconhecimento social e político que lhes foi negado. Para Matos (2002) o que se busca com estudos e pesquisas sobre a relação entre os sexos é recuperar a atuação das mulheres como sujeitos ativos da sociedade.

As diferenças no mercado de trabalho

Embora a mudança de comportamento da sociedade provocado pelos novos processos profissionais enfrentados pelas mulheres ainda não tenha fácil aceitação, o estereótipo da "mulher do lar" está cada vez mais sendo deixado de lado a partir da valorização e reconhecimento do trabalho feminino. Lipovetsky (2000) publica dados que dão conta de que, em 1970, 80% das mulheres norte americanas achavam preferível exercer apenas atividades domésticas. Sete anos mais tarde este número baixou para 50% das entrevistadas.

No que diz respeito à distribuição do trabalho entre homens e mulheres, a "técnica" estabelece algumas discriminações. Conforme afirma Richard (2003), este critério está voltado ao trabalho masculino, na parte funcional, ao passo que o espaço relacional é reservado às mulheres.

A definição e o reconhecimento da qualificação profissional estão relacionados ao exercício de responsabilidades e poder profissional e, portanto, as carreiras mais promissoras são destinadas aos homens. Segundo Richard (2003), mesmo com a mesma qualificação, as mulheres – devido aos níveis hierárquicos – serão menos bem remuneradas do que os homens.

As mulheres no jornalismo brasileiro

Uma das primeiras mulheres de destaque no Jornalismo brasileiro foi a professora mineira Francisca Senhorinha da Motta Diniz, que em 1873 lançou o jornal *O Sexo Feminino*, na cidade de Campanha, Minas Gerais. O periódico tinha tiragem de 800 exemplares e buscava evidenciar a luta pela educação, instrução e emancipação das mulheres. Dois anos mais tarde Francisca S. Diniz se transferiu para o Rio de Janeiro onde reimprimiu os dez primeiros números do jornal e manteve a produção por dois anos. Segunda afirma Buitoni (1990), entre os assinantes de O Sexo Feminino estava D. Pedro II e sua filha, a Princesa Isabel. Entre 1887 e 1896 o jornal voltou a circular com tiragem de 2,4 mil exemplares.

Após a Revolução de 1932, surgiu em São Paulo um jornal de mulheres. A Reacção debatia questões sociais e abria espaço para a atuação feminina na grande imprensa. Buitoni (1990) ressalta que, com a conquista do voto, as lutas feministas passaram por mudanças e adquiram formas mais conservadoras. Rocha (2003), citando Ribeiro, afirma que quase não existiam mulheres no jornalismo na época:

> Uma das situações mais tenebrosas que havia na imprensa de São Paulo (e do Brasil), em 1937, era a discriminação contra a mulher. As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No "Estadão", à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é quem operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço. (RIBEIRO, apud, 2003, p. 2)

A partir da década de 70 é que a imprensa começou a abrir espaços para as mulheres jornalistas. A pesquisadora Alzira Alves de Abreu (2006) relembra que, a partir da regulamentação da profissão em 1969, surgiram no Brasil diversas faculdades voltadas para a formação de jornalistas. A autora lembra ainda que "[...] a entrada de um grande número de mulheres nas redações a partir da década de 1970 não foi um fenômeno específico do meio jornalístico, mas acompanhou uma tendência geral observada em todo país." (ABREU, 2006, p. 9)

Com a ascensão das mulheres no jornalismo, algumas questões foram reformuladas não só pela conquista do espaço nas redações de jornais e revistas, mas também pela ocupação de cargos de chefia. Para Mello (2003), a entrada das mulheres no jornalismo se deu

principalmente pela universidade, isto porque, quando da regulamentação da profissão, os profissionais que já atuavam na área garantiram o direito de permanecer da profissão. Abreu (2006, p. 10) diz que "Naquele momento havia um maior número de homens nas redações, e muitos não tinham o curso de jornalismo. Essa situação deu uma vantagem às mulheres, que hoje, comparativamente aos homens da mesma geração, apresentam maior qualificação do ponto de vista da formação."

Paccola (2001) afirma, inclusive, que as mulheres ultrapassaram a quantidade de estudantes do sexo masculino e hoje são maioria das escolas de comunicação. Para a autora, gradativamente as jornalistas estão conquistando maior espaço dentro das redações, mas no entanto, precisam se preparar muito mais do que os homens.

De acordo com dados apresentados por Rocha (2003), no ano de 2000 o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e a Federação Nacional de Jornalistas informaram que 27.012 profissionais de jornalismo possuíam carteira assinada. As mulheres eram maioria no cargo de Secretária de Redação – 149 mulheres e 123 homens. Entretanto, algumas funções ainda são ocupadas quase que exclusivamente por homens. Para cada mulher na função de Locutor Geral e Locutor Esportivo, havia seis homens desempenhando a mesma função.

As mulheres no radiojornalismo esportivo

Na trajetória do rádio no Brasil, as mulheres tiveram atuação fundamental em dois gêneros: a radionovela e o radioteatro. Entretanto, com o surgimento da televisão a programação radiofônica passou por transformações. Os programas de auditório e as produções com enredo deram lugar às informações e notícias. A partir de então, as mulheres tornaram-se cada vez mais raras nos microfones, principalmente das rádios AM.

A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo brasileiro teve como uma das primeiras e mais marcantes experiências a equipe formada na Rádio Mulher, em 1971, em São Paulo. O projeto ousado e inovador para a época foi idealizado pelo dono da emissora, Roberto Montoro. Ele formou uma equipe composta unicamente por mulheres que fazia a cobertura de jogos de futebol. O departamento de esportes da Rádio Mulher era formado pela locutora Zuleide Ranieri Dias, pelas comentaristas Jurema Iara e Leilá Silveira, pela árbitra e comentarista de arbitragem Léa Campos, pelas repórteres Germana Garili, Claudete Troiano e Branca Amaral, pelas locutoras de plantão Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro e

pela sonoplasta Regina Helô. Até mesmo o transporte era de responsabilidade de uma mulher. A motorista da equipe era Tereza Leme.

O slogan da equipe da Rádio Mulher era "A cada mulher a mais no estádio, um palavrão a menos." Existiam, entretanto, algumas diferenças entre os temas abordados por estas mulheres e pelos homens até então responsáveis pelas coberturas esportivas. De acordo com Barbieri (2008) "Elas analisavam a beleza dos jogadores, foi Zuleide quem começou a falar das pernas famosas do goleiro do Palmeiras na época, Emerson Leão, a limpeza dos uniformes, e davam um tom sutil às transmissões."

Em 1974, a direção da Rádio Mulher decidiu contratar homens para as coberturas esportivas, e assim, foi desfeita a primeira equipe de esportes formada exclusivamente por mulheres. Apesar do preconceito de jornalistas e jogadores, para Ribeiro (2007, p. 221), o motivo da mudança da equipe foi outro. "Sem dúvida nenhuma, o que levou Roberto Montoro a desistir do projeto não foi o preconceito, mas os baixos índices de audiência. Quando a concorrência pressiona, não há equipe que resista." Nenhuma das profissionais que compunham a equipe de esportes da Rádio Mulher permaneceu trabalhando em esporte depois desta experiência.

As mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul

Uma das primeiras mulheres a trabalhar no radiojornalismo esportivo no estado do Rio Grande do Sul foi Eva Mendonça[5], na década de 1960. Entretanto, "Evinha", como era conhecida, não trabalhava diretamente na equipe esportiva, e sim no departamento de notícias da Rádio Gaúcha. De acordo com Ary dos Santos[6], coordenador de esportes da emissora à época, a participação de Evinha na programação acontecia de maneira esporádica.

Alguns anos mais tarde, em 1970, a Rádio Gaúcha contrataria pela primeira vez uma mulher para compor o departamento de esportes da emissora. Logo no primeiro ano de faculdade de jornalismo, Rita Campos Daudt[7] conseguiu a vaga como repórter de campo por meio da indicação de um professor que trabalhava na RBS. Como repórter de campo, Rita acompanhava os jogos no gramado. Entretanto, para conseguir realizar as entrevistas com os jogadores, ela precisava organizar anteriormente com quem falaria e quais seriam as

[5] Jornalista gaúcha, morreu em 2005.
[6] Entrevista concedida à autora em 14 de maio de 2009.
[7] Natural de Santiago, atualmente é Executiva de Relações Institucionais da Oi, empresa de telefonia.

perguntas, isso porque muitos atletas ignoravam os chamados da repórter na beira do campo pelo fato de se tratar de uma mulher.

Quase uma década mais tarde, em 1978, a Rádio Gaúcha teria outra mulher atuando no esporte. Carmem Sílvia Rial[8], a "Peninha", havia entrado na emissora um ano antes para trabalhar como redatora de notícias no Departamento de Jornalismo. A transferência para o esporte aconteceu meses antes da realização da Copa do Mundo de Futebol de 1978. Em pouco tempo tornou-se editora embora as atividades fossem as mais diversas: desde auxiliar a técnica com corte de fitas e na mesa de edição, controlar a entrada no ar dos repórteres que estavam nos estádios, contatar fontes e até traduzir entrevistas em inglês. Em 1982, Peninha saiu da Rádio Gaúcha para trabalhar como professora no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Já no começo do século 21, a Rádio Gaúcha voltou a ter uma mulher trabalhando na equipe de esportes. Paula Alvim começou a trabalhar na emissora em 2001 produzindo e apresentando o quadro "Fofocas no Mundo da Bola" no programa Sábado Esporte. O objetivo da atração era comentar aspectos pessoais da vida de atletas e dirigentes. Pouco – ou quase nada – se falava sobre o desempenho nas competições.

Em maio de 2004, a Rádio Bandeirantes inovou e contratou uma mulher para o departamento de esportes, mas desta vez para atuar, também, como repórter de campo. Entretanto, a carreira de Débora de Oliveira havia começado seis anos antes na Rádio ABC, em Novo Hamburgo, cidade do interior do Rio Grande do Sul. No início, ela participava como repórter na arquibancada, entrevistando torcedores sobre as expectativas e opiniões em relação ao desempenho das equipes. A Rádio ABC acompanhava principalmente os times de futebol da região do Vale do Sinos, como Clube 15 de Novembro, da cidade de Campo Bom e o Esporte Clube Novo Hamburgo.

Apesar das dificuldades, Débora conseguiu no radiojornalismo esportivo, chegar até onde nenhuma mulher tinha ido no Rio Grande do Sul. Além de acompanhar os treinos direto nos estádios e fazer reportagens de campo no gramado durante os jogos, ela produzia e apresentava – sozinha – um programa nos domingos pela manhã, horário considerado nobre na programação esportiva. Em geral, havia um jogador como convidado do programa, e

[8] Jornalista e antropóloga.

também as informações sobre as partidas de futebol do final de semana. Ela também participava de um programa de debates e fazia reportagens na TV Bandeirantes.

Para quantificar as mulheres que trabalham atualmente no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul foram consultadas todas as rádios AM cadastradas da Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão, AGERT[9]. São 178 emissoras que operam em amplitude modulada no Rio Grande do Sul. Contabilizou-se 821 mulheres trabalhando em atividades gerais, contemplando serviços gerais, setor comercial e administrativo. Destas, 237 exercem funções de jornalismo como apresentação, reportagem, locução e produção, número que representa 29% no número total de mulheres que trabalham em rádios no Rio Grande do Sul.

Observou-se que três emissoras não contam com nenhuma mulher em seu quadro funcional, o que representa 1,7% das empresas consultadas. A média é de 4,7 mulheres trabalhando por rádio. Em relação às rádios da capital do estado, Porto Alegre, nota-se um aumento tanto de funcionárias (média de 12 profissionais), quanto de mulheres que exercem funções de jornalismo (57,5%).

Das 237 mulheres que atuam em jornalismo nas emissoras de rádio do Rio Grande do Sul, sete trabalham diretamente com produções esportivas, seja apresentação de programas, reportagens de campo ou comentários de jogo. Este número equivale a 3% das mulheres na função. Embora a proporção de mulheres no jornalismo seja maior em Porto Alegre em relação a outras cidades, observou-se que mais da metade – 57% – das mulheres envolvidas com esportes trabalham em emissoras do interior.

Nenhuma das rádios consultadas tem mais de uma mulher trabalhando no departamento de esportes e Porto Alegre é a única cidade que conta com mais de uma profissional de rádio na área – são três.

As mulheres no radiojornalismo esportivo em Porto Alegre

Durante os Jogos Olímpicos de Pequim, realizados em agosto de 2008, duas profissionais ingressaram em departamentos de esportes de rádios de Porto Alegre. Embora elas não fossem fazer a cobertura na China, com alguns profissionais deslocados para este evento esportivo, as equipes precisaram de reforços. A solução foi encontrada de maneira semelhante pelas emissoras. Na Gaúcha, a estagiária Gabriela Aerts trocou o Departamento de

[9] Lista consultada no site da Associação em abril de 2009.

Jornalismo, onde havia entrado no mês anterior, para compor o esporte. Já na Guaíba, foi a jornalista Mariana Oselame quem mudou de setor. Ela saiu do Departamento de Jornalismo após dois anos para ingressar no de esporte. Apesar das semelhanças na maneira e época em que começaram a trabalhar no radiojornalismo esportivo, as atividades desempenhadas pelas profissionais são diferentes.

Em 2007, recém formada, Mariana começou a trabalhar no Departamento de Jornalismo da Rádio Guaíba. Em seguida, a jornalista foi contratada para trabalhar também no jornal Correio do Povo, mas desta vez já no setor de esportes. Mariana afirma que a maior dificuldade que enfrenta no dia a dia de trabalho é a diferença de volume de informação entre ela e os colegas. Ainda de acordo com a jornalista, as mulheres não são estimuladas a acompanhar as notícias futebolísticas da mesma forma que os homens.

Para Gabriela Aerts, primeira oportunidade para trabalhar na Rádio Gaúcha foi no Departamento de Jornalismo. Transferida para o Departamento de Esportes, a função da estagiária é basicamente na produção dos programas da emissora além da edição e gravação de alguns boletins. Pela natureza do trabalho, Gabriela não tem contato direto com jogadores e dirigentes, apenas por telefone para marcar horários de entrevistas. Sobre a relação com os colegas de trabalho, a estudante afirma que sempre teve facilidade em se "[...]fazer respeitar no meio masculino[...]".

Da mesma forma que Mariana Oselame, na Rádio Guaíba e Gabriela Aerts, na Rádio Gaúcha, Clarissa Londero também encontrou a oportunidade de trabalhar no departamento esportivo de uma emissora depois da experiência no departamento de notícias. Em janeiro de 2009 a acadêmica de Jornalismo passou a trabalhar na Rádio Bandeirantes, também em Porto Alegre. Como demonstrou interesse pelo Departamento de Esportes, Clarissa passou por um período de teste acompanhando a produção dos dois setores até que surgisse a oportunidade de ser transferida para o esporte, o que aconteceu em maio do mesmo ano.

As mulheres no radiojornalismo esportivo nas cidades do interior

Além das rádios de Porto Alegre, quatro emissoras do interior do estado contam com o trabalho de mulheres no departamento de esportes. Em Santa Maria, na Rádio Imembuí AM, trabalha Viviana Fronza. Além da produção e apresentação de um programa diário que ela divide com um colega, a jornalista também faz reportagens de campo nas transmissões dos jogos e apresenta os programas que antecedem as jornadas esportivas. Mara Steffens trabalha

na Rádio Diário da Manhã AM, na cidade de Carazinho. Depois de dois anos trabalhando no departamento de jornalismo da emissora ela passou a fazer, também, reportagens esportivas especialmente durante as partidas de futebol que acontecem na cidade e são transmitidas pela rádio.

A experiência em radiojornalismo esportivo de Meilene Fontes teve início na Rádio Clube, de Bagé, em 2004. Em abril de 2009, a profissional foi contratada pela Rádio Nativa AM, de Rio Grande, para ser repórter de campo nas coberturas esportivas realizadas pela emissora. Ela também participa dos programas de esportes produzidos na emissora. Sobre a participação feminina neste segmento, Meilene sugere que[10] "[...] o importante é querer ser vista como profissional, não como mulher. Isso faz diferença: trabalhar de igual para igual." (FONTES, 2009).

Diferente do trabalho realizado por todas as outras profissionais citadas neste capítulo, Patrícia Zanella exerce a função de comentarista esportiva na Rádio Ametista AM, na cidade de Planalto. Formada em Jornalismo, trabalha desde 1999 na emissora. Em 2007, criou um programa diário sobre esportes e em seguida passou a comentar as partidas transmitidas pela rádio. Apesar da participação de mulheres nesta função não ser frequente, Patrícia afirma que o público acompanha e participa positivamente dos programas.

Apesar de não estarem cadastradas como emissoras AM pela AGERT – e portanto não estarem presentes na pesquisa supra citada – outras duas emissoras gaúchas contam com o trabalho de mulheres nas produções esportivas. Em Carlos Barbosa, na Rádio Estação FM 89,5, trabalha Roberta Baldasso. Como sempre acompanhou jogos de futebol e futsal, Roberta aceitou o convite da emissora de participar de uma programação especial pelo Dia Internacional da Mulher em março de 2006. A partir desta participação, ela assumiu a reportagem de campo das transmissões de jogos.

A outra emissora que não consta na pesquisa é a Rádio Equipe, da cidade de Sapucaia do Sul. A representante feminina trabalhando no esporte é Ana Carolina Veríssimo. Desde 2005 trabalhando na rádio, a oportunidade de atuar no segmento aconteceu dois anos depois. Além de apresentar programas, Ana Carolina também participa de coberturas esportivas como repórter de campo tanto em Sapucaia quanto nos jogos realizados em Porto Alegre.

[10] Entrevista concedida à autora em 15 de maio de 2009.

Análise

Tanto as profissionais que atuam no interior do estado quanto as que trabalham na capital, destacam que ainda existe preconceito, embora hoje não seja tão explícito quanto elas pensam que era no passado. Sobre o começo de sua carreira, Rial (2009) afirma que "É provável que no início tenha havido alguma desconfiança da parte de alguém, pois uma mulher para se dar bem no mundo dos homens precisa ser duas vezes mais competente, pois se é duas vezes mais cobrada." Já Oliveira impõe que "Eu não sou uma menininha jornalista esportiva. Sou uma jornalista esportiva e sem quis ser isso."

Para Rial, os homens já são estimulados a acompanhar as notícias de futebol desde pequenos, o que tem reflexo no exercício da profissão em relação às mulheres já que o rádio é um veículo cuja maior parte da programação é ao vivo.

Apesar das dificuldades encontradas, as mulheres que trabalham no radiojornalismo esportivo assumem que muitas vezes conseguem contato com as fontes de maneira mais rápida que os colegas homens. Gabriela Aerts afirma que "O pessoal às vezes me usa para conseguir falar com alguém por telefone, porque dizem que jogadores e dirigentes sempre irão atender a um pedido feminino." (AERTS, 2009). Situação semelhante acontece com Roberta Baldasso que diz que "geralmente consigo as informação mais fácil. Meus colegas homens sempre me dizem isso: se o treinador não está num bom dia, a Roberta acaba sendo a encarregada pela entrevista. Eles dizem que o charme feminino acalma os ânimos." (BALDASSO, 2009).

A partir da pesquisa realizada com as emissoras cadastradas na AGERT, percebe-se que o número de mulheres trabalhando em funções de jornalismo é pequeno, se comparado ao número total de funcionárias das emissoras consultadas. Percebe-se também, que em Porto Alegre a participação feminina no radiojornalismo era maior se comparado ao interior à época da pesquisa, no ano de 2009. Enquanto na capital mais da metade das profissionais de uma emissora são responsáveis por produções jornalísticas, nas outras cidades esta relação é de menos de um terço. Entretanto, o maior número de mulheres trabalhando no radiojornalismo esportivo – tema deste trabalho – está no interior do estado do Rio Grande do Sul. Enquanto Porto Alegre conta com o trabalho de três profissionais, nas outras cidades elas são quatro. O número total de mulheres atuando neste segmento representa apenas 1,7% das profissionais na área.

A natureza do trabalho das mulheres que trabalham em rádios do interior e na capital também é diferente. Por meio das entrevistas pode-se perceber que todas aquelas que estão fora de Porto Alegre atuam diretamente com reportagens de campo, enquanto as profissionais da capital têm como principal atribuição a produção ou apresentação de programas. Confirma-se, portanto, o que foi relatado por Débora de Oliveira (2009) – única das profissionais que trabalhou tanto em emissoras da capital quanto do interior – em relação à liberdade que os profissionais de forma geral têm nas rádios de menor alcance.

Em 2010, os dados foram atualizados e constatou-se que apenas uma das emissoras da capital, a Rádio Bandeirantes, mantinha uma mulher no departamento esportivo. Outro aspecto observado a partir das entrevistas foi a forma de ingresso das profissionais nos departamentos esportivos das emissoras. A maioria das entrevistadas, apesar de almejarem o trabalho com esporte, tiveram a primeira oportunidade no Departamento de Jornalismo e só depois de mostrar – e comprovar – o interesse e conhecimento na área conseguiram a transferência. Tal como Rial (2009) afirma, as mulheres que atuam no jornalismo esportivo, especialmente no futebol, precisam mostrar-se completamente preparadas. Lembra-se também, que no começo da atuação das mulheres no jornalismo brasileiro, na década de 1970, a qualificação profissional - por meio do diploma – também era imprescindível para a inserção feminina na imprensa.

Apesar de buscarem o espaço e lutarem por igualdade, as profissionais consultadas admitem como principal dificuldade em relação à concorrência com profissionais homens o volume de informações sobre esporte. Elas afirmam que, por serem estimulados desde pequenos a praticar e acompanhar as competições esportivas, os homens conseguem absorver e armazenar mais conteúdo sobre o assunto. Em contrapartida, as profissionais entrevistadas destacam a própria "feminilidade" como facilitador do trabalho no veículo. Características como simpatia, calma, sutileza e até charme foram citadas como vantagens principalmente no momento de negociar alguma entrevista com convidados.

Estas diferenças apontadas pelas profissionais acompanha as atividades exercidas pela maioria das mulheres nas emissoras de Porto Alegre: a produção. Em relação a estes indicativos também podemos relacionar com o que diz Marodin (2001) sobre as principais características atribuídas aos gêneros. Enquanto os homens são classificados como técnicos e intelectuais, às mulheres destina-se as características relativas aos sentimentos e sensibilidade.

Richard (2003) contribui afirmando que o espaço funcional é destinado ao homem ao passou que o relacional é direcionado às mulheres.

O maior volume de informações armazenadas pelos profissionais também representa um dos indicativos para a maior atuação dos homens no radiojornalismo em relação às mulheres. Isto porque, como afirma MC Leish (2001), o imediatismo é uma das mais relevantes características do veículo. E já que não precisam destinar tempo e esforço para a obtenção de alguns dados e informações sobre os assuntos esportivos, os homens apresentariam vantagens em relação aos trabalhos realizados principalmente nas reportagens de campo, onde além do tempo os recursos são limitados.

Para Mariana Oselame (2009), estas diferenças podem ser amenizadas com "esforço e dedicação". Entretanto, ela afirma que como profissional, busca ser reconhecida por suas qualidades sem tentar igualar ou se comparar aos homens. Sobre esta relação, Strey (2001) diz que a igualdade entre gêneros não significa que homens e mulheres sejam iguais, mas que as diferenças sejam respeitadas e igualmente valorizadas.

Entretanto, outra característica do rádio apresentada pelo autor pode contribuir para a inserção das mulheres em departamentos onde os homens são maioria. Clarissa Londero afirma que foi contratada porque buscava-se na emissora uma "voz feminina". MC Leish (2001) ressalta que a diversidade sonora é outra importante variável. Entretanto, Rial (2009) afirma que a presença feminina no jornalismo esportivo não deve ser considerada um fato inusitado, diferente. O fator de gênero não deve ser determinante.

As mulheres entrevistadas que dizem sofrer menos preconceito, afirmam também que têm como característica pessoal o bom relacionamento com homens e que, portanto, não são vistas como estranhas em ambientes ditos masculinos. Neste caso, ao contrário do que publica Strey (2001) sobre a valorização as diferenças, a aceitação é maior pelos homens por perceberem nestas mulheres traços do gênero masculino. Relação esta que nada tem a ver com sexualidade, visto que estas relações são culturais.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BUITONI, Dulcília Schroeder. Imprensa Feminina. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

FERRARETTO, Luiz Arthur. Rádio: o veiculo e história e a técnica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MATOS, Maria Izilda S. de. Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais Contemporâneas.

OLINTO, Maria Teresa Anselmo. Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo na epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. Revista Brasileira de Epidemiologia (on line), 1998.

RIBEIRO, André. Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SOARES, Edileuza. A Bola no Ar: O rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

STREY, Marlene Neves (Org.). MULHER: estudos de gênero. 1. ed. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.

WHITAKER, Dulce. Mulher & Homem: o mito da desigualdade. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

Dissertação

DALPIAZ, Jamile. Futebol nas rádios de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade). FABICO/UFRGS, Porto Alegre, 2002

Entrevistas

AERTS, Gabriela. Estagiária da Rádio Gaúcha. Entrevista realizada em 20 de maio de 2009.

BALDASSO, Roberta. Funcionária da Rádio Estação FM. Entrevista realizada em 14 de maio de 2009.

DAUDT, Rita Campos. Ex-funcionária da Rádio Gaúcha. Entrevista realizada em 12 de maio de 2009.

FONTES, Meilene. Jornalista da Rádio Nativa AM. Entrevista realizada em 15 de maio de 2009.

LONDERO, Clarissa. Estagiária da Rádio Bandeirantes. Entrevista realizada em 23 de maio de 2009.

OLIVEIRA, Débora de. Jornalista da RBS TV. Entrevista realizada em 8 de maio de 2009.

OSELAME, Marina. Jornalista da Rádio Guaíba e Correio do Povo. Entrevista realizada em 6 de maio de 2009.

RIAL, Carmen Sílvia. Ex-funcionária da Rádio Gaúcha. Entrevista realizada em 15 de maio de 2009.